

✦ Priapo, um deus sui generis.

Prof. Dr. Airto Ceolin Montagner

UERJ/ UNIGRANRIO

A mitologia confirma o espírito prático do povo romano: era importante para os eles sentirem-se protegidos dos perigos que ameaçavam o grupo ou o indivíduo, mas não experimentavam a necessidade de amar e adorar os poderes sobre-humanos aos quais recorriam. Os seus deuses eram protetores por cujos serviços pagavam; mas, em caso de não prestação desses serviços, as recompensas eram recusadas. De fato, por sobre o panteão romano poder-se-ia inscrever esta cínica profissão de fé: “do ut des – dou para que dê”.

(VIAN

A, Joaquim José Gracel. O humorismo latino. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga, 1994).

A antologia conhecida como Carmina Priapea contém oitenta e seis pequenos poemas dedicados a Priapo, uma divindade sui generis. Para falar de Priapo, tomamos como referencial o LXXXVI Carmen Priapeium, com sua respectiva tradução.

O que desejamos aqui é apor anotações críticas acerca de Priapo, indicando as peculiaridades dessa divindade junto ao imaginário mítico-religioso romano e observando que não se trata apenas de um culto do obscuro ou de uma referência literária cômico-erótica a uma divindade fisicamente anômala sob o ponto de vista da sexualidade. A presença de Priapo é mais abrangente, uma vez que interessa ao literato, ao antropólogo e ao sociólogo, ao médico, ao estudioso das antiguidades, ao sexólogo. O leitor encontrará aqui um esboço de uma figura mítica ou de um deus que não faz parte do Panteão dos deuses, nem toma assento no Olimpo, ao lado de Minerva, de Diana ou de Vesta.

LXXXVI Carmen Priapeium

Texto latino

Salve, sancte pater Priape rerum,

salve, da mihi floridam iuventam,

da mihi ut pueris et ut puellis

fascino placeam bonis procaci

lusibusque frequentibus iocisque

dissipem curas animo nocentes

nec gravem temam nimis senectam,

angar haud miserae pavore mortis

quae ad domus trahet invidas Averni

fabulas manes ubi rex coercet,

unde fata negant redire quemquam.

salve, sancte pater Priape, salve!
convenite simul quot estis omnes,
quae sacrum colitis nemus puellae,
quae sacras colitis aquas puellae,
convenite quot estis atque bello
voci dicite blandula Priapo:
“salve sancte pater Priape rerum”.
inguini oscula figite inde Mille,
fascinum bene olentibus coronis
cingite illi iterumque dicite omnes:
“salve, sancte pater Priape rerum”.
nam malos arcens homines cruentos
ire per silvas dat ille vobis
perque opaca silentia incruenta,
ille fontibus arcet et scelestos
impobo pede qui sacros liquores
transeunt faciuntque turbolentos
qui lavantque manus nec ante multa
invocant prece vos, deae puellae.
“o Priape, fave, alme” dicite omnes,
“salve, sancte pater Priape, salve”,
o Priape potens amice, salve,
seu cupis genitor vocari et auctor
orbis aut physis ipsa Panque, salve.
namque concipitur tuo vigore
quod solum replet, aethera atque pontum.
ergo salve, Priape, salve sancte.
saeva Iuppiter ipse te volente
ultra fulmina ponit atque sedes

Tradução

Salve, Priapo, santo pai das coisas,
salve! dá-me a brilhante juventude,
dá-ma, para que aos bons meninos e meninas
eu agrade com meu fascínio insolente
e, com namoros e jogos freqüentes,
eu dissipe os tormentos de amor nocivos ao meu espírito
e não tema a excessivamente dura velhice,
nem me angustie com o pavor da mísera morte
que me arrastará às hostis moradas do Averno,
onde o rei encerra as sombras das almas dos mortos,
donde os fados negam que alguém retorne.

Salve, santo pai Priapo, salve!

Reuni-vos todas quantas sois,
ó donzelas que cultivais o bosque sagrado,
que cultivais as águas sagradas!
reuni-vos quantas sois e dizei ao poderoso Priapo
com voz suavíssima:

“Salve, Priapo, santo pai das coisas!”.

Cravai em seguida mil beijos na sua virilha,
cingi-lhe bem o falo do coroas perfumadas
e de novo dizei todas:

“Salve, Priapo, santo pai das coisas!”,

pois defendendo-vos dos sangrentos homens maus
ele consente que ides pelos bosques
e pelas sombrias estradas silentes e calmas;
ele afasta das fontes também os ímpios

e os sacrílegos de impudente pé,
os que ultrapassam os fluidos sagrados e os tornam turvos,
e os que lavam as mãos e nem vos invocam
com ligeira prece, ó divinas donzelas!
Dizei todas: “Ó Priapo, sê propício, salve!”
“Ó Priapo, santo pai Priapo, salve!”
ó Priapo, potente amigo, salve!
ou se desejas ser chamado de pai e criador
do mundo ou de própria natureza e Pan, salve!
pois pelo teu vigor é concebido
aquilo que enche o solo, os céus e o mar.
Salve, portanto, Priapo, salve, santo!
Se o desejas, o próprio Júpiter põe
de lado seus raios cruéis
e Cupido abandona sua brilhante morada.
Honram-te a boa Vênus, o férvido Cupido,
as gêmeas irmãs, as Graças, e Lieu, dispensador de alegria,
pois sem ti nem se satisfaz Vênus,
as Graças ficam sem graça, Cupido e Baco, desagradáveis.
Ó Priapo, potente amigo, salve!
Invocam-te com sua prece as virgens pudicas
para que tu desates o pequeno cinto há muito tempo atado
e te suplica a esposa para que o nervo do esposo
esteja muitas vezes rígido e sempre potente:
“Salve, santo pai Priapo, salve!”

O adjetivo priapeius deriva de Priapus, por empréstimo ao grego Πρίαπος. Substantivado, Priapeia ou Priapea designa um gênero iterário cultivado principalmente na literatura latina, contendo poemas dedicados a Priapo. Tais poemas são de autoria anônima, mas especialistas afirmam terem sido compostos por diversos autores, como Catulo, Ovídio, talvez Tibulo, Marcial, entre outros. Os temas dessa poesia abrangem a exaltação do falo de Priapo, indecoroso castigo inferido aos invasores que

malfazejam as propriedades alheias, zombarias de fundo obsceno etc.

Segundo Maurice Olender (Bonnefoy, 1981, p 925), Priapo é o último dos deuses. Entre os romanos, era conhecido como o deus dos jardins, representado como um anão em posição de anasurma, arragachando as vestes recobertas de frutos para mostrar um imenso falo. Seu aparecimento recobre desde o alvor da época helenística até o interior da Idade Média. Em seu percurso histórico, enfrenta realidades diferentes e, por isso, funções diferentes. Na época de Ptolomeu II Filadelfo, destaca-se por sua posição mítico-política; na Antologia Palatina, é o deus dos pescadores e, entre os alexandrinos e romanos, das hortas, dos jardins e assimilados, ou seja, conforme Horácio, (Sat. I, 8) torna-se um espantalho obsceno.

São freqüentes as confusões dos que tentam encontrar um lugar para Priapo. Os Antigos definiam os deuses segundo seu papel teológico, inserindo-os num panteão. Não parece que este deus tenha tido seu espaço próprio nesse panteão. Ora pode fazer parte do cortejo dionisiaco, ora surge como filho de Dioniso e de Afrodite ou de uma ninfa. Estrabão (XIII, I,2), quando tenta descrevê-lo, assemelha-o aos deuses asiáticos itifálicos como Orthanés, Conisalos e Thychon, divindades somente conhecidas por suas presenças nas procissões em que se carregavam falos e se cantavam ou enunciavam ditos obscenos em homenagem a Dioniso. Tando autores antigos como modernos identificam-no ainda a Pan, a Dioniso, a um sátiro ou, ainda, a um Hermafrodita. Nos Carmina Priapea, vem definido como *divus minor* (53, v.3).

No Hino a Priapo acima apresentado, vem exaltado como pai das coisas, propiciador da juventude prolongada; é igualmente o guardião dos lugares ermos, dos bosques, das estradas silentes e calmas; figuratambém como defensor das águas límpidas, das fontes, fluidos sagrados. Invocado como santo, seu principal papel vincula-se ao vigor da energia sexual e, por isso, é honrado pelos próprios deuses e deusas, pelas virgens e esposas.

A própria iconografia aponta um contraste radical entre Priapo e os outros deuses fálicos, como Pan ou os sátiros. Priapo aparece todo humano, desprovido de cornos, de cauda ou de pés de cabra. Sua deformidade é diferente: possui um falo exorbitante. Por isso, desde o nascimento, é definido como *amorphos*, *disforme*, o que determinara que sua mãe, Afrodite, o tenha abandonado nas costas do Helesponto, em Lâmpsaco. Se outros deuses ganham epítetos para ressaltar os aspectos de sua areté divina, como Apolo *comosus*, Hercules *lacertosous*, virgineus Bacchus e flava Minerva, Priapo será o *mentulatio* deus. Impressionados com este membro descomunal, os romanos o definiam ainda como *terribilis*. A partir disso, fixa-se uma das maiores funções de Priapo: é o deus que protege as pequenas culturas contra os ladrões ou o mau-olhado, ameaçando os que passam próximos ao domínio por ele proptegio de fazer-lhes violência sexual (Car. Priap. XI, XXVIII, XLIV, LIX, LXI). É este guarda campestre, cuja autoridade fálica proporciona risos, o leitmotiv dos Carmina Priapea. É este deus itifálico, cuja efígie era talhada em madeira medíocre e pintada de vermelho, que toma a palavra e profere ameaças, conforme se pode ler nos poemas gregos e latinos.

Todavia, esse deus promete muito, mas age pouco. Diferentemente de outras divindades que interferem nos domínios agrícolas como mediadoras entre o homem e o seu meio ambiente, Priapo nada faz. Apenas participa desse universo como prática silenciosa de seus usuários, como um amuleto, como um objeto funcional. Segundo Bonnefoy (926), estando sua imagem colocada num jardim, numa horta ou num pequeno pomar, reconheciam-se nele duas funções: uma profiláctica, outra apotrópica. De início, Priapo deve contaminar o solo por meio da simpatia, graças à imagem hiperfecundante associada à sexualidade excessiva; a seguir, sua imagem itifálica deve proteger as entradas dos jardins contra as invasões dos malfeitores, mais por sua antifascinação que por suas ameaças que, embora verbais, são um programa de violências sexuais bem concretas de castigos corporais cujo instrumento executante é seu agressivo falo. Descobre-se um Priapo cujo signo obsceno garante uma eficácia mágica, mas um deus que raramente interessa à teologia e à historiografia antiga. É justamente essa eficácia mágica de afastar o mal que se prolonga até a Idade Média, como se pode verificar, segundo Bonnefoy, na Crônica de Lanercost de 1268, onde um "irmão leigo cisterciense" ergue uma imagem de Priapo (*simulacrum Priapi statuere*) para pôr termo a uma epidemia que se abatia sobre as tropas.

Além desse Priapo apotropaico, pode-se observar, através da leitura dos Carmina e dos seus

comentadores, que os jardins guardados por ele não possuem nada ou quase nada: talvez alguns legumes, vinhas decadentes. Virgílio (Bucólicas, VII, 33-4) assim o define: *Sinum lactis et haec te liba, Priape, quotannis / exspectare sat est: custos es pauperi horti* (Basta que tu, ó Priapo, esperes todo ano um tarro de leite e estes doces: tu és o guardião de um pobre jardim). As oferendas dadas a esse deus, por ocasião dos sacrifícios, eram alguns frutos medíocres, um tarro de leite, doces; os pescadores lhe ofertavam algum filé de peixe ou a cabeça e casca de uma lagosta, em troca do algo para enganar o estômago ou do rejuvenescimento. Ofereciam-se-lhe ainda frutos de cera ao invés de frutos de verdade. Os poetas ofertavam-lhe versos. Diante disso, pode-se defini-lo, ainda, como um deus desventurado. E sua desventura atinge o ponto culminante quando esse deus, cujo atributo essencial é o falo, exprime sua angústia de castração, e teme acabar como Gallus. Gallus era um termo com dupla conotação: 'gaulês' ou 'castrado', tendo em vista que os sacerdotes de Cibele castravam-se durante os rituais. Frustrado ante a solidão e a carência, Priapo muitas vezes suplica que algum ladrão invada seu jardim a fim de que ele possa cumprir sua função de guardião agressivo e satisfazer-se.

Ao contrário de Dioniso, que desejava ser o cultor dos jardins de Afrodite, e por isso mesmo era, por justiça, designado de eukarpos, isto é, deus dos bons frutos, Priapo era o amorphos. Esse aspecto se esclarece à medida que avançamos na leitura dos textos em que ele comparece relacionado com a figueira e o asno.

A madeira da figueira era a preferida para entalhar a imagem de Priapo, que devia proteger os frutos dessa árvore. Em latim, figueira é ficus, cujo vocábulo se prestava para jogos maliciosos, designando 'hemorróidas' ou 'ânus' ou, ainda, fica, em italiano 'figa', ainda hoje designando vulgarmente o órgão sexual feminino.

As especulações sobre o campo semântico de ficus, a que se vincula Priapo, levam-nos a observar que, na Antigüidade, esta palavra vinha carregada de representações sexuais e obscenas. Aristófanes (A paz, 1348) utiliza o verbo *sukologeîn*, colher figos, para designar a cópula, e em Ovídio (Fastos, V, 433) fica, empregado em função apotropaica, visa a afastar o mau-olhado através de um gesto em que se coloca a extremidade do polegar entre o indicador e o médio. Se figueira (ficus) possui múltiplas significações obscenas, a madeira da figueira, de que os toscos camponeses faziam as estatuetas de Priapo, era um material inútil, *inutile lignum* (Horácio, Sat. I, 8), bom para aquecer os pobres; seus frutos, fica, serviam como o pão de cada dia dos desvalidos. Isto parece indicar a que cultores esse deus deveria favorecer.

Também o asno, o cavalo do pobre, participa desse mundo hipersexuado. Através de Junito Brandão (1995, 306), sabemos que o asno era também um animal do cortejo de Dioniso e, nesse contexto, símbolo de sensualidade, seja por sua perseverança, seja por sua estupidez. Também era o animal de Saturno, considerado pelos latinos como o deus dos judeus, e por isso, nas disputas entre não-cristãos e cristãos, eram estes acusados de adorar um asno. Na época alexandrina, o asno e Priapo desfilavam no cortejo de Ptolomeu II Filadelfo, representando a vida miserável de todos os dias. Ambos são igualmente representantes itifálicos e igualmente considerados lúbricos, *salax asellus* (Carm. Priap., LII). Podia o muar, em certas ocasiões, substituir o deus em suas funções exercendo serviços sexuais a baixo preço. Há um mito que confirma essa identificação. Conta-se que houve um concurso para saber quem possuía o falo maior, se o asno ou Priapo. Tendo sido vencido, Priapo, mau perdedor, matou o jumento. Narra Ovídio (Fastos I, 440) que, em Lâmpsaco, havia o costume de sacrificar um jumento em honra de Priapo. Todavia, a aproximação de Priapo com o asno não lhe é nada favorável, uma vez que, as referências a esse animal são quase sempre depreciativas. Recai sobre ele a culpa da perda da eterna juventude pela humanidade, quando põe a perder o precioso *phármakon* que Zeus lhe confiara. Ainda Luciano de Samósata associa o asno que toca a lira ao amante envelhecido, desdentado e manco. Priapo vem ainda associado ao asno por ocasião de um fiasco, quando tenta seduzir a ninfa Lótis ou Vesta, a qual, em forma de sombra, foge do seu desejo, deixando-o com o sexo no ar, o que causa o riso de todos.

São curiosas as observações dos Antigos sobre os animais que possuíam grande o órgão reprodutor. Aristóteles (A geração dos animais, 748 a-b) afirmava que os asnos não eram estéreis, mas seu sêmen era frio por natureza. Assim como todos os animais com o órgão desmedido, o asno era pouco fértil, pois o sêmen torna-se frio, visto que tem de percorrer um longo caminho. O mesmo autor revela ainda

que a natureza dotou os animais da capacidade de estar ou não em ereção e, estando esse órgão sempre no mesmo estado, isto seria um embaraço. Ora, este é precisamente o caso de Priapo, cuja ereção é sempre a mesma, interminável, e sem conhecer nenhuma emissão seminal, nenhuma explosão sexual.

A ereção de Priapo sempre foi percebida como patológica, conforme se pode ver nos seus tratados nosográficos. Os médicos da Antigüidade deram o nome de priapismo a uma doença terrível, cuja ereção, involuntária e originária de alguma inflamação, é permanente e dolorosa, desprovida de ejaculação e de modo algum geradora do prazer. O priapismo leva infalivelmente o doente à morte sexual. Outro mal de natureza semelhante é a satyriasis, de sátiro, cuja ereção voluntária não exclui nem o excesso e nem o prazer, porém sem causar o efeito devastador do priapismo.

Estabelece-se aí uma diferença entre o itifalismo de Priapo e o dos sátiros. Os sátiros são classificados como demônios da natureza, seres híbridos com mescla de homens e de animais; Priapo é sempre posto ao lado dos homens, interiormente antropomorfo.

Talvez a desgraça que Priapo conhece desde o nascimento possa nos transmitir uma dupla lição: primeiramente, a impossibilidade de uma sexualidade desmedida para um homem, pois contraria a natureza.; uma sexualidade em tais proporções, pertinente aos animais ou semi-humanos, conduziria os homens à impotência, a uma ereção dolorosa e desprovida de alegria. A seguir, podemos concluir também que Priapo é uma divindade que se integra mal no cortejo de Dioniso, seja ao lado dos sátiros, seja dos Pans, cujo itifalismo é evidente; Priapo sofre de uma ereção patológica. Sua sexualidade desenfreada, distante de toda intenção subversiva, é um convite à ordem estabelecida. Desta maneira, a obscenidade desse deus torna-se quase institucional e geradora desse poder conservador que veicula o universo à fecundidade da qual, a sua maneira, Priapo, durante muito tempo, participou. Daí o convite à normalidade dos anseios humanos: a brilhante juventude, o fascínio que favorece homens e mulheres, a dissipação do temor da morte, o culto dos bosques e das fontes sagradas, a permanência do vigor e dos desejos que a todos aproxima. Por isso, “Salve, santo pai Priapo, Salve!”.

Referência Bibliográfica

BONNEFOY, Yves. Dictionnaire des mythologies. Paris: Flammarion, 1981.

BRANDÃO, Junito de souza. Mitologia grega. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1995, vol. III.

CARMI PRIAPEI. Introduzione e note di Umberto Todini. Traduzione di Lucio Mariani. Testo latino a fronte. Firenze: Ponte alle Grazie Editori s.r.l., 1992.

DIEL, Paul. Le symbolisme dans la mythologie grecque. Paris: Éditions Payot. 1966.

FERRARI, F. et alii. Dizionario della civiltà classica. Milano: RCS Libri S.p. A., 2001.